

ALFAGUARA

Éric Chacour
O que não sei de ti

Tradução de Nuno Quintas



1

Cairo, 1961

— Que carro é que vais querer um dia?

Ele fez-te essa pergunta simples, mas ainda não sabias que era preciso cuidado com as perguntas simples. Tinhas doze anos, a tua irmã dez. Passeavam com o vosso pai junto à margem do Nilo, no bairro residencial de Zamalek. O teu olhar, animado pelo ruidoso cortejo do trânsito caótico, abstraía-se na torre com a forma de lótus, acabada de erguer da terra. Diziam com orgulho ser a mais alta de África. E construída por um melquita!

A tua irmã, Nesrine, não esperou pela tua resposta e exclamou:

— Aquele, *baba!* Aquele ali, grande e vermelho!

— E tu, Tarek?

Nunca tinhas pensado nisso.

— Porque não... um burro?

Achaste bem justificares-te: faz menos barulho.

O teu pai fez um riso forçado, queria dizer que a tua resposta não era válida. A menos que a tua graça não quisesse convencer ninguém. A Nesrine soltava uma madeixa de cabelo preto e enrolava-a no indicador; repetia o gesto quando queria dizer alguma coisa. Manifestamente

convencida de que, se insistisse, acabaria a tarde ao volante do seu descapotável, reiterou num entusiasmo dez vezes maior:

— Quero o vermelho, *baba!* O do teto de abrir.

O olhar do teu pai deu-te a entender que continuava à espera da tua resposta. Para lhe agradares, tentaste à sorte:

— Quero o preto. Ali parado na esquina.

O teu pai aclarou a voz, podia continuar com a sua demonstração:

— Tens razão, é um belo carro americano. Um *Cadillac*. Sabes que é muito caro? Precisavas de um bom emprego para eu to oferecer. Tinhas de ser engenheiro ou médico. Qual destas profissões é que gostavas mais de ter?

Dirigia-se a ti sem te olhar, absorto no cachimbo acabado de cingir nos lábios. Inspirou num ligeiro assobio, desencadeando um ritual para ti misterioso e habitual. Contento com o fluxo de ar, tirou do bolso uma bolsa de tabaco cujo odor, apesar de te ser tão familiar, não saberias dizer se te agradava. Depois, encheu o forninho, empurrando com o polegar direito as folhas secas para que encontrassem o seu lugar e apertando o conjunto com afinco. Cada etapa da meticulosa operação parecia destinada a dar-te um tempo razoável para refletires. Enquanto levava à boca o instrumento para aferir a extração, percebias que pouco tempo tinhas para responder. Os estalidos do isqueiro ressoaram como um cronómetro. No fumo das primeiras baforadas, arriscaste sem convicção:

— Talvez médico...

Ele deteve-se um momento, como se ponderasse uma proposta que lhe houvesse feito, e soltou, circunspecto:

— Muito bem, filho, boa escolha.

Foi uma escolha por omissão: não sabias o que era ser engenheiro. Pouco importava, o filho seria médico como ele. Já não era preciso debater. Os dedos que um dia te ensinariam o teu futuro ofício comprimiam com um calçador as primeiras cinzas da vossa conversa. Enquanto o teu pai fazia chama no cachimbo, tu imaginavas-te com a bata branca dele, a que envergava no rés do chão da vossa moradia de Dokki, onde estabelecera consultório. Tinhas idade para os teus projetos serem só os que fazem para ti; seria só uma questão de idade?

O vosso passeio seguia em silêncio. Cada um parecia absorto nos pensamentos. O teu pai, consumido o tabaco, olhou para o relógio de bolso, com as iniciais dele no verso. Que, por acaso, eram as tuas. Hora de regressar. O relógio exibia sempre a hora de regressarem quando já não havia mais que fumar. Sincronia infalível entre cachimbo e relógio de bolso.

Ao cair da noite, anunciaste à tua mãe que um dia serias médico. Sem emoção, como quem dá uma informação anódina, acabada de descobrir. Ela acolheu a notícia com o entusiasmo que teria se lhe tivesses apresentado o diploma da licenciatura, concluída com distinção. Nasser erguia o maior país do mundo, e a tua mãe decidia que serias o médico mais prestigiado da nação. Pouco tempo antes, a Nesrine fizera-te prometer que lhe comprarias um descapotável vermelho.

Tinhas doze anos. Doravante terias cuidado com as perguntas simples.

Não sabias quando a vida iria começar. Em criança, eras um aluno brilhante. Entravas em casa com boas notas e diziam-te que um dia te seriam úteis. A vida começaria então mais tarde. Nessa fase, os instantes sucediam-se separados, de quase nenhum guardarias memória. Não guardamos o nome de quem nos carrega aos ombros, também não reparamos nas horas passadas a preparar o nosso prato dileto. Em contrapartida, conservamos a insignificância: riras-te da Nesrine por ela não conseguir pronunciar corretamente a palavra «pirâmide» em árabe, vocês haviam comido *frescas* numa praia e ficado com os fatos de banho sujos de melão, fazias desenhos com o dedo nas janelas húmidas quando a Fatheya, vossa empregada, cozinhava...

Perscrutavas os adultos, os seus gestos, as suas entoações, a sua aparência. Acontecia um deles tomar a palavra, como que nomeado por uma autoridade natural, para contar a última piada que ouvira. Fixavam-se nele os olhares da assistência, e esta nova atenção transfigurava-o. A voz modulava-se-lhe, os movimentos ofereciam-se à narração, sentias uma tensão instalar-se no espaço. Encantava-te o efeito que causava no auditório, um ajuntamento de súbito reduzido a um respirar único, cujo ritmo casava com a toada do orador. Ele então podia acelerar a cadência

das palavras e revelar o remate, aguardado por cada um dos presentes. Todos o acolhiam com um riso sonoro e libertador, um riso que não era concertado, mas perfeitamente concedido.

Eram os homens quem se riam. Porque se riam? Não fazias ideia. As insinuações indecifráveis, os exageros evidentes, as palavras que ainda desconhecias, os esgares de censura das mães a lembrar que havia crianças ali, os gestos desenvoltos dos homens a parecer responder-lhes que as crianças, fosse como fosse, não tinham idade para entender. Fosse como fosse, tu não tinhas idade para entender. Essa linguagem parecia pertencer ao mundo dos adultos, continente longínquo que tu ainda irias descobrir. Não sabias se um dia, sem nos apercebermos, falhávos por terem deixado a infância demasiado solta, ou se seriam territórios a conquistar pela dor. Seria possível que continuassem a ser estrangeiros para ti? Algum dia te ririam como eles?

A presença deles empolgava a Nesrine. Ela interrompia-lhes as disputas, perguntava pelo significado de uma palavra ou respondia à pergunta mais retórica. Apanhava tanto como tu o sentido das piadas deles, mas juntava o seu riso ao dos outros. A ela bastava-lhe. Não a achavam um amor?

A vida iniciar-se-ia mais tarde. Por ora, não era vida. Era uma espera, talvez trégua, infância, lenta preparação. Preparavas-te para quê?, ou melhor, preparavam-te para quê? Apreciavas mais a companhia dos adultos que das crianças da tua idade. Encantava-te quem nunca vacilava. Quem podia criticar com igual firmeza um presidente, uma lei ou uma equipa de futebol. Quem em cada gesto

parecia dizer que detém a verdade plena, a verdade toda. Quem, num estalar de dedos, decidia os problemas da Palestina, da Irmandade Muçulmana, da Barragem do Assuão ou das nacionalizações. Acabavas por acreditar que a idade adulta era isso: ausência de toda a dúvida.

Um dia, porém, iria parecer-te óbvio que há pouquíssimos adultos a sério. Que ninguém abdica completamente dos seus medos originais, dos complexos da adolescência, da necessidade insatisfeita de vingar as primeiras humilhações. Ainda nos espantamos por encontrarmos num dos nossos semelhantes reações pueris, mas é erro grosseiro: não há adultos que se comportam como crianças, só há crianças que chegam à idade em que têm vergonha de ter dúvidas. Crianças que acabam por se conformar ao que esperamos delas: que desistem de contestar, que fazem afirmações sem vacilar, que desprezam a diferença. Crianças de voz rouca, cabelo branco, bebida fácil. Muitos anos depois, vais perceber que é preciso fugir, custe o que custar. Por ora, fascinam-te.

Cairo, 1974

Os pais são feitos para desaparecer; o teu morreu durante a noite. Na cama, como Nasser, quando cada um se julgava imortal. A tua mãe só se deu conta de manhã. Não costumava acordar antes dele. Achou que ele dormia a seu lado, não ousou incomodá-lo. Ele consagrava à morte a mesma ausência inflexível de expressão com que confrontara a vida, e nada fazia pensar que acabara de abandonar esta por aquela. Ela lançou um olhar mecânico ao relógio. Passava das seis. Surpreendeu-a ele não se ter levantado às cinco e vinte, como de costume. Primeiro, temeu que ele a culpasse por não o ter acordado. Talvez só precisasse de dormir um pouco mais. Quem era ela, afinal, para saber melhor que um médico o que era bom para ele? Esperou. Não o vendo levantar-se, ficou aflita que ele, ao invés, a acusasse de o deixar dormir de mais. Começou por uns barulhos discretos, sem efeito nenhum. Convencida de que, fizesse o que fizesse, ele iria repreendê-la, decidiu sacudi-lo. Contra todas as expectativas, não a repreendeu.

A notícia não te chegou logo. Tinhas partido rumo às colinas da Mokattam. Andavam a construir, por tua iniciativa, um dispensário numa colina do extremo leste

do Cairo, e tinhas tirado férias para supervisionar o avanço dos trabalhos. Mal saíras do carro, correria um garoto até ti.

— Dr. Tarek! Dr. Tarek! Tem de ir já para casa, o Dr. Thomas, seu pai, acabou de morrer!

Julgarias tratar-se de piada de mau gosto, não tivesse ele pronunciado o teu nome e o do teu pai. Tentaste fazer-lhe perguntas, mas ele, com o seu encolher de ombros, deu-te a entender que só sabia o que lhe haviam dado a transmitir. Tiraste umas piastras do bolso para lhe agradeceres antes de te fazeres à estrada. O grande sorriso que ele, ao ver as moedas, desenhou nos lábios comprovava a gravidade que tentara mostrar ao dar-te a notícia. Seguiste em frente, mais chocado que triste, sem plena consciência do anúncio que acabavas de receber. Tinhas pressa de ir ao encontro dos teus.

Entraste na clínica onde o teu pai já não exercia, sem tentares alcançar as implicações dessa nova realidade, subindo quatro a quatro os degraus para chegares à tua mãe. Deste com ela sentada no salão com a tia Lola. Uma delas parecia exercer o seu novo papel de viúva em frente à outra, visivelmente exaltada por assistir de camarote a essa entronização e sem deixar de, nuns lamentos de demonstração, expressar reconhecimento. Quase sentiste que as importunavas. A tua mãe, apercebendo-se da tua inquietação na soleira, convidou-te num mover de mão a entrares. As pulseiras chocalharam-lhe num tinir impaciente. Quando conseguiste avançar, ela levantou-se, tomou-te nos braços e respondeu um convencional «ele não sofreu» à pergunta que não lhe fizeras. Tinha as feições e o cabelo respeitosa e presos. Por ser bem mais baixa que

tu, curvaste os ombros para a cingires num movimento que te era desconfortável. Ficaste uns segundos imóvel, sem saberes bem quem consolava quem, ela soltou-se do teu abraço e mandou-te ires ter com a tua irmã.

Ao ver-te entrares na cozinha, a Nesrine desatou num choro descontrolado, sem fazer caso da empregada. Havia umas horas que a Fatheya improvisava bebidas quentes, vigorosos afagos e súplicas divinas para impedir a tua irmã de se ir abaixo; a tua chegada foi uma corrente de ar nesse seu castelo de cartas laboriosamente construído. Ela lançou-te um olhar irado, mas logo o abrandou, como se precisasse de uns segundos para perceber que o luto também era teu. Aproximou-se, murmurou «meu coração» de olhos em ti. Ela, que tinha mil e uma maneiras de te chamar «meu coração», escolhera a que significava «sê forte». Indicou-te com a cabeça que tinha muito que fazer e vos deixaria a sós.

A tua irmã, de fisionomia dilacerada pelo desgosto, pareceu-te mais nova que os seus vinte e três anos. Lembrou-te a adolescente que levavas a *Zamalek* para comer *fetir* doce quando te confienciava as suas desventuras. Não conhecias nenhuma que não se dissolvesse no mel. Talvez isso lhe desse maior consolo nesse instante. Não lhe dirias aonde a levavas, ela não tentaria adivinhar, importava apenas afastá-la dessas paredes que transpiravam tristeza. Esboçaria um sorriso ao reconhecer a fachada do café, e os vossos pensamentos iriam tocar-se. Seriam inúteis as palavras; ela iria contentar-se por ver o cozinheiro estender a massa e lançá-la em piruetas por cima do balcão de mármore, lance de mão especialista ampliado pelos espelhos atrás dele. Não passaria de um capricho no vosso luto.

Depressa espantaste tal ideia dos teus pensamentos. Não te imaginavas a anunciar à tua mãe andares nessas

circunstâncias em passeio pela cidade. Somos sempre só o que a sociedade de nós espera; nessa época, a sociedade esperava de vós semblantes que inspirassem estima e compaixão. Decerto não as migalhas dos bolos que limpamos do canto da boca com o desvelo de uma criança gulosa.

No peso dos teus vinte e cinco anos, sentaste-te junto à tua irmã. A cadeira conservava o calor da Fatheya.

— Como andam as coisas?

Ela respondeu-te com o *kohl* borrado das faces. Como é que as coisas podiam andar? Sorriu. Só isso importava.

Aproveitaste a calma antes da tempestade anunciada. A notícia do falecimento não tardaria a levantar a multidão, como o *khamsin* levanta a areia na primavera. Não conheceras o apogeu da comunidade levantina do Cairo, mas ela continuava a ser uma cidade dentro da cidade. Sabendo-a unida na alegria como na tragédia, não estavas certo de o desaparecimento de um dos seus médicos destacados provocar comoção garantida. Os *chawams* eram o centro da prática do teu pai e da vossa vida social. Cristãos provenientes de diversos cultos orientais, vinham do Líbano, da Síria, da Jordânia ou da Palestina. Havia várias gerações que estavam bem estabelecidos nas margens do Nilo, muitos dominavam melhor o francês que o árabe, falando árabe só quando necessário. Além do mais, eram tidos por estrangeiros, quando muito «egipcianizados», sem tentarem propriamente defender-se disso.

Crescias nesse mundo burguês e ocidentalizado, espécie de bolha alógena cada vez mais anacrónica. Era o legado de um Egito cosmopolita e de olhar no futuro, onde conviviam gentes diversas de ascendências remotas.

Reconheciam-se os levantinos na educação europeia dos gregos, dos italianos ou dos franceses. Eles, à semelhança dos armênios, conheciam o sabor ferroso do sangue que precede o exílio. Essas coisas aproximam as pessoas. A família do teu pai era das que haviam fugido aos massacres de Damas, em 1860. Ele mantivera somente o nome próprio, homenagem ao bairro cristão da Porta de São Tomé, onde os seus antepassados tinham vivido, e umas joias, as que tinham sobrevivido às que estavam em sua posse, entre as quais o relógio de bolso, que ele nunca largava. Ele, talvez na esperança de um dia as transmitir aos vossos filhos, contava a ti e à tua irmã histórias de um outro tempo. Eram histórias de quem viera antes de vocês, chegando em vagas sucessivas e contribuindo para o renascimento intelectual do país que os acolhia, mas também do domínio britânico, a que eles se adaptaram bem, e das prestigiadas funções que ocupavam na administração, no comércio, na indústria ou na cultura. Das suas palavras transparecia um orgulho mesclado de reconhecimento para com esse povo que lhes abrira os braços. Mas as variações de tom esforçavam-se cada vez mais por lhe conter as notas de melancolia. Ele sabia bem que a água correria debaixo da Ponte de Qasr al-Nil e outro Egito despertara. Um Egito à reconquista da sua identidade árabe e muçulmana, galvanizado pelo patriotismo de Nasser e pelos sonhos de grandeza restaurada. Um Egito decidido a não ser despojado da sua elite. O Suez, as nacionalizações, os confiscos e as emigrações haviam provocado um despertar brutal nesses *chawams* que se haviam julgado ponte entre Oriente e Ocidente. Tinhas memória do tempo em que não houvera dia em que um amigo não vos dissesse que partia para França, Líbano, Estados Unidos, Austrália

ou Canadá. Sem violência que não a de um rasgão interior, resignavam-se a largar a terra que amavam perdidamente e onde julgavam um dia ser sepultados. Vocês pertenciam aos milhares que ficaram, recusando-se a abandonar um país que lhes virava as costas. Aos que tentavam perpetuar a ilusão de uma vida de conforto no ambiente familiar dos seus lares, das suas igrejas, das escolas francesas onde inscreviam os filhos e do cemitério greco-católico do Velho Cairo, onde o teu pai não tardaria a descansar.

No dia seguinte, acotovelavam-se inúmeras pessoas na vossa morada de Dokki. Uma prima da Fatheya ajudou a organizar o cortejo de condolências, que a tua mãe acolheu com a sua forçosa dignidade. Recebia visitas cronometradas de quem ia ao vosso patamar levando uma improvável aliança de regras de decoro e instinto de *voyeur*. Chegavam com as suas fórmulas convencionais e umas memórias do teu pai cuidadosamente limpas do pó para a ocasião, julgando interiormente o vosso estado de consternação. Perscrutavam o escuro sulco cavado sob os vossos olhos pelo cansaço, o frémito que de vocês se apoderava quando pronunciavam o nome do falecido, e saíam levando um travo de bolos de pistáchio e dever cumprido. Para algumas pessoas, a morte é decididamente o mais divertido que a vida pode oferecer.

Tratava-se da primeira perda a que eras diretamente exposto. Descobrias a sensação difusa de estares fora de ti, quase dissociado do teu invólucro, como se o espírito recusasse infligir ao corpo uma dor que não suportaria. Vias-te a descobrir a perda do pai, a receber os convidados, a tentar consolar a mãe. Ouvias cada palavra que dizias

como que proferida por um estranho. Vias-te na companhia da Nesrine, que chorava tanto quanto tu não choravas.

Certa noite, quase uma semana depois, na solidão do quarto, é que te vieram as primeiras lágrimas. Tudo o que dizia respeito ao teu pai dependeria agora da memória, mas não foi essa vertigem que se apoderou de ti. Não, foi outra angústia a invadir-te. Vivias subitamente o torno das responsabilidades que te estreitavam o peito. As obrigações sociais a que te submeteras nos últimos dias tinham-te levado a avaliar o lugar ocupado pelo teu pai na comunidade e, num efeito de transferência, aquele que doravante te caberia assumir. De facto, nesse momento, choraste sobretudo a tua sina. Eras um impostor que despojava o pai até das lágrimas que lhe assomavam.

Num misto de superstição e cansaço, imaginaste que ele poderia aí estar, presença invisível, omnisciente, observando-te os gestos e decifrando-te os pensamentos. Conforme o sentias mais perto, veio-te à memória o tom das suas poucas palavras e a eloquência do seu sobrolho. O cheiro do tabaco que lhe enchia o cachimbo, os berros que, sozinhos, eram capazes de entusiasmar as suas partidas de *bridge*, a capacidade que ele tinha de memorizar cada carta de uma vaza. A mão segura que te ensinara a palpar os corpos, a ir atrás dos sinais crescentes da doença, a prever as perguntas clínicas que tantas vezes só confirmavam o intuir da primeira auscultação. O olhar veemente, com autoridade suficiente para interromper as cenas de fúria a que a tua mãe se entregaria. Perguntaste-te, em suma, se, de tudo, não seria disso que sentirias mais falta.

Tranquilizava-te repensares o teu pai nesses pormenores inócuos. Como se ele voltasse a ser o centro legítimo da tua angústia, abafando o fogo de uma culpabilidade

que ameaçava consumir-te. O teu coração voltou ao ritmo normal. Pensaras nele e choraras. Não importava a ordem por que ocorrera, tinhas feito o que um filho enlutado tem de fazer. O teu corpo estava exausto de um esforço dificilmente identificável. Perguntavas-te de quanto tempo precisaria a tua mente para se libertar de cada uma dessas memórias. Adormeceste antes de encontrar resposta satisfatória.



As semanas que se seguiram foram alagadas de considerações diversas. A tua mãe mergulhou com devoção diligente na sua nova realidade. Aguentava os sinais de cansaço (haverá algo mais legítimo?), mas ficava atenta aos que seriam vistos como de desmazelo. Que se ouça chorar, mas esmorecer jamais! Entre um e outro traçava um limite subtil e conseguia ficar sempre do lado certo. Sob essa força de carácter por todos admirada, ninguém dava grande importância ao contributo da Fatheya, que, com discreta abnegação, se aplicava a obedecer aos mandos da patroa. Reponha-se aqui a verdade: a Fatheya não se chamava *mesmo* Fatheya. Os pais tinham-lhe dado o nome de Nesrine à nascença, mas a tua mãe não tardou a perceber que duas Nesrines em casa só iria dar confusão (sem contar que não ser condignamente concebível que a prole partilhasse, ainda que só o nome próprio, com a empregada). Eis senão quando a Fatheya trabalhava bem, aprendia depressa e não parecia acalentar nenhuma cobiça suspeita pelos talheres de prata, como demonstravam as meticulosas contagens que se seguiam ao término do serviço. Então, a tua mãe decidiu não levar a mal

à Nesrine-Fathey a usurpar retrospectivo do nome da filha. Na sua autoridade, decidiu outro nome para a empregada, e diga-se que a empregada não foi nisso ouvida nem teve oportunidade de reclamar. A inesperada redenção onomástica incentivou a Fathey a redobrar o engenho para satisfazer a patroa. Nesse momento, isso consistiu essencialmente em converter a entrada da patroa na viuvez em esplêndida sequência social.

Não podias culpá-la, sabias que a situação não era invejável. Mesmo meio século depois de Hoda Charawi ter largado o véu ao largo de Alexandria, para uma mulher sozinha a gestão autónoma da sua existência administrativa ainda era um horizonte longínquo. Ter um filho revelava-se, pois, um precioso trunfo. Assumiste, naturalmente, os procedimentos burocráticos resultantes da morte do teu pai e que se somavam ao trabalho no consultório. Além do mais, os doentes dele mantiveram-se em grande parte fiéis a ti, apesar da substancial diferença de experiência e de reputação que dele te separava.

Reproduzias os gestos friamente ensinados na prestigiada Faculdade de Medicina de Kasr el-Aini e a que o teu pai soubera dar substância e sentido. Ele tinha-te ensinado a técnica e, na medida em que é passível de transmissão, a intuição. Como abordar uma doença e o que a causa. Como escutar as pulsações de um coração e a razão por que bate. Ele não era de elogio fácil, mas sabias reconhecer os sinais de aprovação, por vezes até de orgulho, que, de maneira indireta, ele de quando em vez exprimia. Soube levar-te progressivamente de mero assistente ao crescente papel que foste assumindo nas suas consultas. Chegou a pedir-te ostensivamente opinião em frente a certos pacientes ou a realçar o mérito do teu ponto de vista

num diagnóstico. Isso no início incomodou-te, mas cedo percebeste ser a maneira de ele te posicionar como herdeiro do seu saber. Agora que desaparecera, restava-te prosseguir a construção dessa legitimidade, cujas fundações ele levantara.

O consultório só esteve dois dias encerrado. Quiseste retomar o mais depressa possível a atividade. Sentias-te obrigado a honrar as consultas marcadas antes da morte dele e a decifrar as notas dos processos clínicos, por ele meticulosamente registadas, antes de um doente te aparecer à frente.

A Nesrine foi ter contigo à tardinha, ao rés do chão do consultório. Sabia que te encontraria aí até tarde. Tu gostavas desses encontros. Davam-te ânimo às últimas horas de um dia cheio de trabalho. Ela dizia que te ia ajudar, mas as boas intenções não resistiam muito às tarefas que lhe arranjavas. Ela lá se levantava para vos preparar um «café branco», água quente a que acrescentava umas gotinhas de água de flor de laranjeira e açúcar quanto baste. A noite ia caindo no afeto. Falavam de memórias de infância, dos pais. Às vezes do futuro, muitas do passado. Ela dizia que a flor de laranjeira é boa para a memória. Tu não ousavas dar nota de que ela não fizera nenhuma das tarefas para as quais lá tinha ido oficialmente ajudar-te, o que acabava por ser irrelevante. A presença dela era-te agradável.

Um dia, tiveste uma ideia genial: ias oferecer-lhe um gatinho. Ela deu-lhe o nome de *Tarbuche*. Não faltavam gatos vadios nas ruas do Cairo; esse ainda não tinha sido desmamado e parecia ao abandono. Sabendo tu que a tua mãe não veria com bons olhos a ascendência modesta do novo membro da família, combinaste com a tua irmã atribuir-lhe uma origem mais aceitável. Viria oficialmente

de uma ninhada de que um dos teus amigos se quisera desfazer. A Nesrine fez de mãe substituta na perfeição, roubando ao teu material umas pipetas para lhe dar de comer, e fazendo-lhe festas que um felino cairota jamais recebera. Assim continuou ela a ir ao teu consultório, mas a sua atenção centrava-se agora no mimado *Tarbuche*. Tu podias dedicar-te aos processos clínicos, beneficiando da presença dela. E dos vossos cafés brancos.

Dois homens quebram todas as regras e entregam-se a um delírio de paixão. História de desejo e desencanto, de perda e devastação, a estreia de Éric Chacour é um triunfo absoluto.

«Eras de uma realidade paralela à minha, e eu assimilara o facto de duas paralelas não poderem encontrar-se.»

Cairo, anos 1960. Tarek, ainda rapaz, vê o seu destino traçado: será médico, tal como o pai, e há de casar e ter filhos. Sob o olhar atento da família, este trilha não sofre desvios. Até que Tarek conhece Ali, e tudo muda. O relacionamento interdito entre os dois homens, separados por todas as convenções sociais e de classe, deixará um rasto de destruição.

Anos depois, encontramos Tarek sozinho, do outro lado do mundo. Alguém começa a escrever sobre ele e para ele, reconstituindo em detalhe um passado que Tarek preferia esquecer.

O que não sei de ti transporta-nos para um momento histórico irrepetível, numa sociedade fraturada e desigual, e põe a nu as feridas de quem não pode viver livremente. No final, quando descobriremos quem escreve esta história, descobriremos também se é possível evitar um desenlace trágico para uma desolada história de amor.



«Uma estreia que já parece um clássico.»

Le Figaro

«Numa prosa acutilante e sensual, *O que não sei de ti* analisa em detalhe um homem dividido entre dois mundos e duas épocas, compondo o retrato vibrante de uma sociedade em mutação.

Arrebatador.»

Le Devoir

PRIX FEMINA DES LYCÉENS * PRIX DES LIBRAIRES DE FRANCE

* PRIX FRANCE QUÉBEC * PRIX DES CINQ CONTINENTS

* PRIX LIBRAIRES EN SEINE * PRIX PREMIÈRE PLUME * PRIX EVOK

Finalista do GILLER PRIZE e do ATWOOD GIBSON FICTION PRIZE

Selecionado para o PRIX FEMINA e o PRIX RENAUDOT



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora

📷 penguinlivros

ISBN: 978-989-583-622-2



9 789895 836222